

## Hermenêutica filosófica e teoria da arquitetura: Dalibor Vesely e a herança de Gadamer

A presença da hermenêutica de Gadamer no âmbito das discussões de teoria da arquitetura hoje deve-se principalmente à interlocução realizada pelo arquiteto Dalibor Vesely, antigo aluno de Gadamer na Universidade Heidelberg. Considerado atualmente como uma das principais referências da *crítica fenomenológica em arquitetura*, Vesely assume em seu projeto teórico a tentativa de compreender, em termos arquitetônicos, a convocação de Husserl de um *retorno às coisas mesmas*, aliando-se ao modo como Gadamer compreende tal convocação<sup>152</sup>.

Em outras palavras, Vesely, através da apropriação de alguns elementos da hermenêutica filosófica, trilha um caminho de análise teórica da arquitetura contemporânea, salientando seu traço fundamentalmente tecnológico. Conforme afirma Kidder, “*Vesely fala da divisão da representação arquitetônica de seu suporte tecnológico, como um paradoxo para os arquitetos contemporâneos, algo que pede uma nova integração*”<sup>153</sup>.

Desta forma, podemos dizer, em linhas gerais, que a crítica de Vesely pretende tratar da arquitetura, enquanto configuradora dos espaços para o próprio

---

<sup>152</sup> Sobre o caráter fenomenológico do pensamento de Gadamer, destacamos um trecho de uma entrevista de Jean Grondin, quando Gadamer responde acerca do título de sua principal obra e o caráter hermenêutico do seu pensamento: “*JG: O senhor mencionou as reservas de seu editor quanto ao título Traços fundadores de uma hermenêutica filosófica. E foi a partir disso que chegou ao título Verdade e Método. Mas, em 1986, o título Verdade e Método abrangia não apenas os “Traços fundadores” de 1960, senão também um segundo volume, que apresentava os esboços primários, acréscimos e avanços posteriores. Qual a sua intenção com esta ampliação do título Verdade e Método? HGG: De minha perspectiva, isto deveu-se ao fato de sentir-me, acima de tudo, um fenomenólogo. Fenomenólogo, para o qual o objetivo são as próprias coisas e não, como o é para o neokantismo, o fato da ciência. Em Heidegger, atraiu-me, afinal, o modo de ele trazer as coisas para perto, tornando-as palpáveis.*” GRONDIN, Jean. *Retrospectiva dialógica à obra reunida e sua história de efetuação*. In ALMEIDA, Custódio Luis Silva de, FLICKINGER, Hans-Georg & ROHDEN, Luiz (ed.) *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 205.

<sup>153</sup> KIDDER, Paul. *Gadamer for architects*, p. 7, tradução minha.

homem – elemento herdado de Gadamer – , em termos de repensá-la a partir de sua fundação na experiência compartilhada da vida, não se limitando a considerá-la somente a partir de sua forma e função, analisando criticamente a própria divisão da representação. Como explica o próprio Vesely,

Além de alguns princípios abstratos, empréstimo da ciência contemporânea ou tecnologia, o fundamento [da arquitetura no século XX] consistiu, em grande parte, da experiência que a vanguarda preferiu descrever como ‘necessidade interior’ (*inner necessity*). (...) A noção de forma arquitetônica, emancipada de todas as referências explícitas, coincidiu, de modo nada surpreendente, com o desenvolvimento da música moderna e com o desenvolvimento da pintura não-figurativa<sup>154</sup>.

O retorno aos fundamentos pré-modernos do fazer arquitetônico frente ao caráter emancipado da arquitetura, fundada em sua afinidade com o modo de operar da ciência e da tecnologia, indica, por parte de Vesely, uma orientação teórica que responde de modo decisivo ao projeto de Gadamer, principalmente no que diz respeito a sua crítica à modernidade filosófica e seus posteriores desenvolvimentos técnico-científicos. Deste modo, como afirma Alberto Pérez-Gómez, “*os estudos fenomenológicos ensinam que o sentido não é primordialmente ou somente uma construção intelectual. A arquitetura é uma ordem que aborda a nossa realidade humana, ambígua e finita, não é meramente um veículo para as ‘verdades científicas’*”<sup>155</sup>.

Neste sentido, o pensamento de Vesely insere-se em um horizonte atual de questionamento no qual a arquitetura encontra-se fundamentalmente marcada pelos ideais científicos de abstração e objetividade. Tal horizonte é descrito por Karsten Harries da seguinte forma:

Conforme a razão triunfa na ciência e na tecnologia, a arte se retira da totalidade da vida e afirma sua autonomia como arte pela arte, ou se converte em mero entretenimento e decoração. Entre todas as artes, a arquitetura é a única que não pode tomar parte nesse retraimento. O mundo a obriga a pôr-se à serviço dele. Presa entre a engenharia e a arte, a arquitetura moderna não conseguiu conciliar de

<sup>154</sup> VESELY, Dalibor. *Architecture and the conflict of representation*, p. 32, tradução minha.

<sup>155</sup> PÉREZ-GÓMEZ, Alberto. *Architecture as Drawing*. *JAE*, vol. 36, n. 2, winter 1982, p. 5, tradução minha.

modo persuasivo e duradouro as razões pragmático-tecnológicas e as razões estéticas. Na verdade, essa conciliação não poderá ser feita enquanto a arte insistir em sua autonomia e enquanto o vínculo essencial entre o deslocamento e o pensamento tecnológico não for reconhecido<sup>156</sup>.

Na obra *Arquitetura na Era da Representação Dividida: a questão da criatividade à sombra da produção*<sup>157</sup>, Vesely aponta para um debate essencial para esta tese que, a nosso ver, contribui para a elucidação do caráter relevante da arquitetura em Gadamer: *a repercussão explícita das considerações hermenêuticas acerca da arquitetura que, de acordo com a visão de Vesely, é geradora de espaço eminentemente comunicativo.*

---

<sup>156</sup> HARRIES, Karsten. *A função ética da arquitetura*. In NESBITT, Kate (org.) – *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2006, p. 426.

<sup>157</sup> VESELY, Dalibor. *Architecture in the age of divided representation: the question of creativity in the shadow of production*. Cambridge: The MIT Press, 2004.

#### 4.1 – O caráter hermenêutico da teoria arquitetônica de Dalibor Vesely

Como docente e pesquisador da Escola de Arquitetura da Universidade de Essex, Dalibor Vesely dedica-se a considerar os desenvolvimentos representativos da arquitetura no século XX, visando uma análise mais abrangente do fazer arquitetônico, para além das questões técnicas inerentes aos projetos.

Partindo de uma análise crítica da arquitetura através do exame de alguns momentos históricos, principalmente no Renascimento, Vesely engaja-se na tentativa de pensar atualmente a arquitetura como uma disciplina na qual o espaço e sua construção deveriam ser analisados como uma estrutura mais complexa, da qual e para qual se convergem variados aspectos culturais, filosóficos e científicos. Como diz o próprio Vesely, “*a arquitetura deve trilhar um caminho no qual a situação que estamos possa ser experimentada enquanto indivíduos imersos na cultura*”<sup>158</sup>.

Na introdução de *Arquitetura na Era da Representação Dividida*, Vesely sugere que sua discussão pretende se situar em um momento da história da arquitetura, conhecido como o período pré-moderno. Segundo o próprio autor,

as questões surgidas [neste livro] dizem respeito ao contexto distante no qual a arquitetura situou-se, e que é potencialmente presente em nossa experiência e memória. Não é necessário aprofundar ou penetrar no passado para descobrir tais memórias. A arquitetura vanguardista anterior às guerras estava, como sabemos, estreitamente ligada à pintura e outras artes visuais, tais como o teatro e o cinema, como também a algumas áreas culturais mais distantes. No entanto, isso já era apenas algo remanescente de uma longa tradição na qual a arquitetura desempenhou um papel muito mais importante, incorporando e fundando a cultura<sup>159</sup>.

Este trecho acima indica a intenção de Vesely em sublinhar um caráter fundador próprio da arquitetura que deve ser reconsiderado. Ou seja, a urgência da recuperação da arquitetura como expressão artística fundadora requer, seguindo o

<sup>158</sup> VESELY, Dalibor. *On the relevance of Phenomenology*. In *Form; Being; Absence*. *Pratt Journal of Architecture* 2 (spring 1988), p. 59, tradução minha.

<sup>159</sup> VESELY, D. *Architecture in the Age of Divided Representation*, p. 3, tradução minha.

argumento de Vesely, a revisão do caráter *genuíno* – poderíamos ainda dizer *hermenêutico* – e atualmente ofuscado pela valorização do domínio técnico-científico próprio de nosso tempo.

Por isso, faz-se necessário um processo de des sedimentação do sentido moderno estabelecido na arquitetura, na tentativa de considerá-la de um modo historicamente abrangente, a partir de sua origem e relação com o mundo da cultura, tomado como um traço essencial do reconhecimento da própria obra. Neste sentido, diz Gadamer,

O que a arquitetura nos revela [sobre o fim da tradição humanístico-cristã e o domínio da tecnociência] tem uma validade universal. É-lhe inerente [aos estilos arquitetônicos comuns à nossa civilização] a evidência de que uma consciência pública se expressa em edifícios públicos. Quer se trate da ordenação da vida cultural ou do governo ou apenas do novo sentimento vital da diligência profissional e da virtude burguesa – eram todos, decerto, obras de arte. Mas eram, ao mesmo tempo *obras em que todos se reconheciam*<sup>160</sup>.

Deste modo, assim como Gadamer analisa a arquitetura como uma arte estruturadora de espaços comunitários, também Vesely, a exemplo de Gadamer, pretende repensar a arquitetura como uma experiência abrangente de sentido, inserindo uma discussão na qual o caráter técnico embutido nesta arte deve ser considerado a partir de um âmbito mais abrangente, onde o sentido comum da edificação acontece. Como afirma Kidder, “*os esforços [de Gadamer] em recuperar uma idéia de racionalidade que se distancia da razão empírica e técnica encontra esforços paralelos na teoria arquitetônica na resistência à redução do sentido da arquitetura a sua funcionalidade prática*”<sup>161</sup>.

Assim como Gadamer faz um retorno ao pensamento pré-moderno para retomar a noção clássica de representação, Vesely também pretende fazer um retorno aos fundamentos da arquitetura anterior às vanguardas, principalmente devido à relação que tais projetos estabeleciam com a pintura e outras artes visuais. Na perspectiva de Vesely, esta retomada visa recuperar uma totalidade de

<sup>160</sup> GADAMER, H. G. *O fim da arte? Da teoria de Hegel sobre o caráter passado da arte à anti-arte atual*. In GADAMER, H.G. *Herança e Futuro da Europa*. Lisboa: Ed. 70, 1998, p. 53, grifo meu.

<sup>161</sup> KIDDER, P. *Gadamer for architects*, p. 9-10, tradução minha.

valores culturais inerentes ao fazer arquitetônico que foram minados de sua função em favor da valorização do instrumental. Diz Vesely:

A distância que separa a compreensão instrumental e comunicativa representa uma larga abertura e requer um novo tipo de conhecimento que pode indicar o *modo* de uma reconciliação de uma genuína criatividade e a espontaneidade criativa com o produtivo poder da ciência contemporânea<sup>162</sup>.

Através do tema da representação, Vesely abre um caminho de reflexão acerca do modo próprio do fazer arquitetônico que, em sua visão, necessita de uma tematização mais profunda e adequada. Como afirma o próprio Vesely, “*a tensão entre a realidade produtiva e a criativa da arquitetura pode ser melhor compreendida se examinarmos mais detidamente a natureza e papel da representação*”<sup>163</sup>.

É a partir da análise da noção da representação que a modernidade arquitetônica é questionada. Segundo Vesely, a questão da representação requer uma investigação de um registro mais original de nosso comportar-se no mundo. Assim como Gadamer afirma que, a partir da relação com os monumentos arquitetônicos, podemos reconhecer nosso modo de ser-no-mundo-com-os-outros em seu caráter eminentemente representativo, também Vesely indica que, no âmbito da arquitetura, o mesmo caráter representativo pode ser visualizado. Nas palavras de Vesely, “*o que normalmente nos referimos como realidade, crendo que é algo fixo e absoluto, é sempre resultado de nossa habilidade de experimentar, visualizar, e articular – em outras palavras, representar tanto quanto participar de um mundo*”<sup>164</sup>.

Desta forma, enquanto Gadamer recupera a noção de representação a partir de sua natureza mais própria enquanto ‘*tornar-presente*’ (*Darstellung*), Vesely reconsidera o mesmo conceito como uma chave de entendimento da arquitetura, a partir da experiência imanente, de participação no mundo, considerada por ele *comunicativa*. Falando sobre sua obra, Vesely nos diz o seguinte:

<sup>162</sup> VESELY, D. *Architecture in the Age of Divided Representation*, p. 4, tradução minha.

<sup>163</sup> *Ibid*, p. 4, tradução minha.

<sup>164</sup> *Ibid*, p. 4, tradução minha.

o trabalho como um todo pode ser visto como *uma tentativa de compreender os fundamentos ontológico e cultural da arquitetura moderna e, assim, o papel da natureza e cultura da arquitetura em geral*. O argumento é estruturado como um diálogo em que as fundações são reveladas por trás do véu de interpretações convencionais e muitas vezes congelada<sup>165</sup>.

Assim sendo, podemos considerar o caráter hermenêutico de sua obra a partir de dois aspectos: primeiro, para Vesely, a arquitetura deve fazer justiça ao caráter inventivo e funcional que toda edificação requer, como também ao todo da configuração cultural na qual o projeto se insere, enquanto expressão de uma visão de mundo que a funda e permite sua construção. Neste sentido, toda construção considerada arquitetura adquire um caráter monumental, aspecto que o aproxima de Gadamer; e um comunicativo, aspecto que o afasta de Gadamer, pois nosso filósofo entende sua reflexão como *fundamentalmente lingüística*, sendo o caráter comunicativo um aspecto secundário e, por isso, não essencial.

Como segundo aspecto, podemos afirmar um caráter ético-prático da edificação, na medida em que novas possibilidades de interação acontecem, pois, ao se relacionar com o edifício, muitas vezes perde-se de vista, ou simplesmente abdica-se da função original, o que não significa uma perda do caráter hermenêutico de *performance* daquela obra. Esse aspecto pode ser percebido em processos de restauração, conservação ou ampliação de algum monumento arquitetônico.

A partir destes dois aspectos acima expostos, podemos compreender melhor o traço comunicativo do espaço arquitetônico, à medida que o “caráter fundante” da arquitetura, enquanto espaço de congregação, não se limita à própria edificação e suas funções, mas a remete à rede de referências lingüísticas que constitui o próprio mundo que, na visão de Vesely, tem um cunho essencialmente cultural.

Ao recuperar o aspecto humanístico da arquitetura, Vesely afirma que tal caráter nunca foi abandonado pelo fazer arquitetônico, mas ao mesmo tempo há uma progressiva valorização do caráter mais instrumental, subordinando e integrando a vida ao instrumental. Neste sentido, pensar um espaço comunicativo é afirmar o caráter teórico da própria arquitetura, como espaço compartilhado,

---

<sup>165</sup> VESELY, D. *Architecture in the Age of Divided Representation*, p. 4-5, tradução minha, grifo meu.

repercutindo o que Gadamer considera ser mais próprio da arquitetura, a saber, sua natureza configuradora dos espaços. Sem dúvida, a relação com tais espaços tem em sua constituição um caráter dialógico essencial. Como afirma Vesely,

o alcance limitado de representações emancipadas só pode ser contestado por atitudes diferentes em relação à cultura, sustentadas por um tipo diferente de conhecimento que é baseado nos princípios do diálogo. Entre as muitas tentativas para abrir esse diálogo, as contribuições efetuadas pela fenomenologia, e mais recentemente pela hermenêutica, parecem ser, de longe, as mais convincentes em sua consistência e continuidade<sup>166</sup>.

Deste modo, para Vesely, seria impossível pensar a arquitetura de modo alheio à experiência histórica da imanência da vida. Antes, a arquitetura é sustentada pela linguagem, em seu copertencimento no mundo da vida, aspecto que sustenta a configuração dos espaços enquanto representações adequadas a cada lugar. Afirma Vesely:

Tal situação é curiosamente paradoxal. Se estamos de acordo que é a meta e não o meio que define a natureza de uma disciplina e que o *objetivo da arquitetura é a vida humana*, enquanto suas técnicas e pensamento instrumental são meios. A arquitetura provavelmente nunca abandonou completamente o seu papel humanista, embora em tempos modernos esse papel tem sido quase sempre improvisado. Essa abordagem pode já não bastar em um mundo em contínua transformação, cada vez mais dominado por expectativas instrumentalmente orientadas. Para preservar sua identidade primária e papel humanístico, no futuro, a arquitetura deve estabelecer credenciais ao mesmo nível de inteligibilidade que o pensamento instrumental; mas, simultaneamente, deve integrar e subordinar o conhecimento instrumental e o potencial técnico dos seres humanos à sua práxis.<sup>167</sup>

Vesely faz sua abordagem a partir da tematização da questão da *representação dividida* no período do Barroco. De acordo com o autor, este período é um momento chave no qual a arquitetura foi profundamente transformada pela ciência moderna. É neste tempo que a arquitetura alia-se aos avanços científicos, desvalorizando os elementos culturais próprio à mesma.

<sup>166</sup> VESELY, D. *Architecture in the Age of Divided Representation*, p. 5, tradução minha, grifo meu.

<sup>167</sup> *Ibid*, p. 5.

Assim, partindo da análise crítica do Barroco, Vesely pretende traçar um caminho interpretativo de reabilitação de uma experiência compartilhada da arquitetura, que está presente nas obras construídas e que, por conseguinte, também deveria repercutir na produção dos projetos. Assim sendo, enquanto fazer humano que se transforma historicamente, a arquitetura identifica-se essencialmente com a própria vida, da qual faz parte. Diz Vesely:

Na minha abordagem, há um ponto em que a interpretação (hermenêutica) e a maneira de fazer (poética) chegaram tão perto uma da outra que se tornaram plenamente recíprocas: o que sabemos contribui para o que fazemos; e o que é feito já contribui substancialmente para o que é possível saber. A reciprocidade suporta tanto o meu comentário anterior sobre a relevância de qualquer nova abordagem para a arquitetura, quanto a sua relação com tendências culturais predominantes. Tendências não surgem como resultado de esforços individuais. Elas são mais complexas e anônimas, representam a experiência histórica de uma época particular e as expectativas comuns. Na arquitetura, as expectativas moldam largamente nossos planos, projetos ideais, manifestos e outras declarações, enquanto o espaço da experiência consiste não só da nossa experiência e conhecimentos acumulados, mas também da experiência incorporada em projetos anteriores, nos tratados e livros, em edifícios existentes e cidades, e assim por diante<sup>168</sup>.

A relação da arquitetura com a vida coloca-se para Vesely como uma tarefa e dilema, pois não podemos ignorar a necessidade de conciliação entre os avanços tecnológicos e a vida; por isso, coloca-se uma situação na qual se deve, por um lado, acompanhar o ritmo das inovações científicas e, por outro lado, preservar um âmbito comum, da práxis, onde se fundam os valores culturais. É nesta esfera que o caráter comunicativo se afirma, de acordo com a argumentação de Vesely, como um modo de repensar a arquitetura. Afirma o próprio Vesely:

O objetivo é a criação de uma série contínua de relações, reciprocidades e comunicação compreensível, que pode ser sucintamente descrita como “espaço de comunicação”. Uma das minhas intenções é entender a capacidade da arquitetura de criar, ou pelo menos iniciar, a formação de um espaço comunicativo - estruturado não mecanicamente, para cumprir as funções previsíveis, mas mais na forma de um instrumento musical, que pode enviar através de reverberações outros níveis de cultura e ajudar a incorporá-los. *Restaurar o papel comunicativo da arquitetura é um passo necessário para restaurar o seu papel como a base*

<sup>168</sup> VESELY, D. *Architecture in the Age of Divided Representation*, p. 6-7, tradução minha.

*topológica e corporal da cultura*. Este papel pode ser expresso em uma analogia discutida mais tarde em alguns detalhes: *o que o livro é para o letramento, a arquitetura é para a cultura como um todo*.<sup>169</sup>

Assim, a perspectiva representativa da arquitetura, como afirmado por Vesely, indica a elucidação de um aspecto estrutural essencial, que não se expressa somente em sua atividade construtiva, mas também em seu pensamento. Deste modo, pensar a arquitetura significa, em última instância, pensar uma expressão cultural material, essencial a toda sociedade humana. Como afirma Vesely,

Já podemos apreender que a representação não se limita à fisionomia de edifícios e espaços, mas se relaciona proximamente à estrutura da situação e significado da arquitetura. De fato, é nesta relação que a natureza e o grau de realidade da arquitetura podem ser estabelecidos. No entanto, antes que possamos investigar a natureza, a realidade, e o significado da arquitetura moderna, como também o que ela representa em nossa vida contemporânea, temos que entender o papel da representação em criar e experimentar a arquitetura em um contexto histórico mais amplo.<sup>170</sup>

Desta forma, pensar o papel da representação significa não apenas discutir o modo de aparição da obra mas o seu caráter de congregação dos intérpretes, o que consideramos uma herança das reflexões de Gadamer. Para que isso aconteça, na perspectiva de Vesely, a arquitetura deve ser repensada a partir de uma orientação teórica que, de alguma forma, visualize os monumentos arquitetônicos como bens cultural e social. Diz Vesely:

O problema da representação está intimamente relacionado com o processo de fazer (*poiesis*) e com a imitação criativa (*mimesis*). Cada projeto, por menor ou sem importância que seja, começa com um programa - ou pelo menos com uma visão do resultado esperado. Esse tipo de programa, ou uma visão, é formado no espaço da experiência e do conhecimento disponível para cada um de nós. O resultado pode ser visto como a única realização de um número infinito de possibilidades. Na sua formação, o programa pode ser modificado ou melhorado

---

<sup>169</sup> VESELY, D. *Architecture in the Age of Divided Representation*, p. 8, tradução minha e grifo meu.

<sup>170</sup> *Ibid*, p. 13.

por meio de palavras ou desenhos, porque tornam o campo potencial de possibilidades presentes e disponíveis<sup>171</sup>.

A esfera de experiência social é pensada como um horizonte de infinitas possibilidades que, ao serem configuradas pelo fazer arquitetônico, indicam a própria estrutura da representação: *revelar o que propriamente acontece, enquanto realização cultural*. Neste ponto, a herança de Gadamer é inspiradora, pois oferece a Vesely um modo próprio de pensar o próprio fazer arquitetônico muito próximo ao “*acréscimo de ser*” originado da experiência compreensiva das obras de arte, e especialmente na obra de arte arquitetônica. Afirma Vesely:

Em tais condições, o resultado real torna-se uma representação das possibilidades latentes, concentrando as suas características típicas e potencializando sua presença. Esse foco tem lugar a cada vez que conseguimos apreender o que é essencial para um espaço de atuação, uma sala de concertos, um determinado espaço urbano, e assim por diante, em um projeto. Deste modo, como Hans-Georg Gadamer aponta, em contraste com o entendimento convencional, “a representação não implica que algo está meramente em outra coisa, como se fosse uma substituição ou substituto que goza de um tipo menos autêntico, mais indireto da existência. Ao contrário, o que está representado faz-se presente na única possibilidade disponível a si mesma”<sup>172</sup>.

Ainda em diálogo com seu mestre, Vesely aproxima-se da noção gadameriana de representação como um modo de não perder de vista *a questão que é digna de ser colocada*, ou seja, pensar a arquitetura em um registro representativo que não se deixa dominar por critérios técnico-científicos modernos, mas os considera em um horizonte mais amplo de consideração da própria produção arquitetônica. Como afirma o próprio Vesely,

Nos últimos duzentos anos, a arquitetura tem sido tratada, quase exclusivamente, como um problema formal. Temos nos convencido, talvez inconscientemente, que a arquitetura não é diferente de qualquer outro tipo de produção e, portanto, pode ser manipulada com a mesma liberdade formal e eficiência. É paradoxal que o processo de formalização e a produção eficiente de arquitetura muitas vezes coloca-se contra a nossa vontade e intenção real. *O fato de que os arquitetos*

<sup>171</sup> VESELY, D. *Architecture in the Age of Divided Representation*, p. 13.

<sup>172</sup> *Ibid*, p. 13.

raramente descrevem seus projetos somente pelo interesse técnico ou econômico, mas escolhem uma linguagem repleta de sentido histórico e social, de símbolos, estilos e assim por diante, e consideram a linguagem como a verdadeira reflexão de suas intenções, faz parte desse paradoxo. O sentimento geral de incerteza, parte do debate contemporâneo sobre arquitetura - sua relação com a tecnologia e seus próprios princípios específicos, desafiado pelo modelo atual do historicismo e esteticismo - mostra que o paradoxo é, na verdade, um círculo vicioso. Acredito que a origem do paradoxo é a ambigüidade da forma arquitetônica, produzida no processo de formalização unilateral e abstrata<sup>173</sup>.

---

<sup>173</sup> VESELY, Dalibor. *Architecture and the conflict of representation*. In *AA Files: Annals of the Architectural Association School of Architecture*, n. 8, january 1985, p. 21, tradução minha, grifo meu.